

Roraima corre risco de incêndio pior que o de 98

Segundo especialista, grande número de árvores mortas põe em risco 35 mil quilômetros de floresta

EDSON LUIZ
 Enviado especial

BOA VISTA – O Estado de Roraima poderá sofrer um incêndio dez vezes maior que o do ano passado, quando perto de 13 mil quilômetros quadrados de florestas foram queimados, parte do lavrado destruído e a agricultura e pecuária tiveram prejuízos incalculáveis.

Segundo a bióloga Adriana Moreira, que havia previsto o incêndio de 1998 um ano antes, há muitas árvores mortas que poderão servir de combustão, colocando cerca de 35 mil quilômetros de floresta na categoria de alto risco durante o período da seca, que começa em março.

A pior situação está na região do município de Mucajá e na vila de Apiáú, por onde começou o incêndio em 1998. Em um sobrevôo na área, Adriana Moreira constatou que, em muitos lugares, há pelo menos 50% de árvores mortas por hectare. “Em muitos casos chega a 80%”, diz Adriana,

que é presidente do Instituto de Pesquisas Ambientais da Amazônia (Ipam) e responsável pela elaboração do mapa do arco do desmatamento, que enumerou as áreas de risco de incêndios florestais. As manchas brancas deixadas pelas árvores mortas são visíveis na mata.

Além de Roraima, os levantamentos feitos pelo Ipam apontam riscos de incêndio nos Estados de Mato Grosso e Pará. Segundo o mapa preparado pelo instituto, quatro fatores aumentam a propabilidade de tragédias florestais: o déficit acumulado de precipitação é maior, os solos têm pouca capacidade de armazenar água para as plantas, a extração seletiva de madeira é intensa e reduz a resistência da floresta ao fogo e o uso inadequado do fogo, uma tradição na Amazônia.

Segundo Adriana, a situação hoje pode ser considerada como de “alerta vermelho”, identificação feita pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) das áreas com alto risco de queimar. “É preciso se-

gurar esta região para evitar o pior, proibindo a realização de queimadas e expedição de licenças para desmatamentos na região”, observa Adriana. “Além de tudo, é preciso intensificar as campanhas de esclarecimento da população durante os meses de fevereiro, março e abril.”

Inverno – Apesar de ser período de chuvas na Amazônia, as árvores destruídas pelo incêndio estão secando rapidamente. Como o inverno na região termina em março, o risco de a floresta pegar fogo é bem maior mesmo com uma estiagem branda, como está previsto para este ano, em razão do fenômeno La Niña. “A tendência é a de que a vegetação que nasceu depois do incêndio também não sobreviva e torne-se, também, material combustível para o fogo já que ficou exposta à insolação por causa das árvores queimadas”, diz Adriana. “A floresta ainda está muito afetada, e só deverá começar a regenerar-se, acabando com a situação de risco, em dois anos”, explica a bióloga.

**HÁ PERIGO
 TAMBÉM EM
 MATO GROSSO
 E PARÁ**

A presidente do Ipam faz o alerta baseado nos dados do aumento de biomassa seca, obtidos em outras queimadas na Amazônia. Segundo os levantamentos, a elevação cresce de 38 toneladas em uma floresta

intacta para 176 toneladas em uma mata queimada pela primeira vez. Além disso, a velocidade do fogo cresce e as chamas tornam-se mais quentes, altas e demoradas. As probabilidades de acabar o incêndio caíram de 95% para 25%. “A situação, neste ponto, já está incontrolável”, diz ela.

Brigadas – O ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, sabe dos riscos de novo fogo em Roraima, mas prefere apostar na criação das brigadas voluntárias, formadas por agricultores que foram vítimas do fogo no ano passado. “Não podemos nos enganar, o incêndio pode se repetir”, afirma ele. O ministro esteve na semana passada em Roraima entregando certificados aos integrantes da brigada que receberam um salário mínimo mensal durante o período de estiagem, medida condenada pelo Banco Mundial, um dos financiadores do Proarco, o projeto de controle das queimadas no arco do desmatamento.

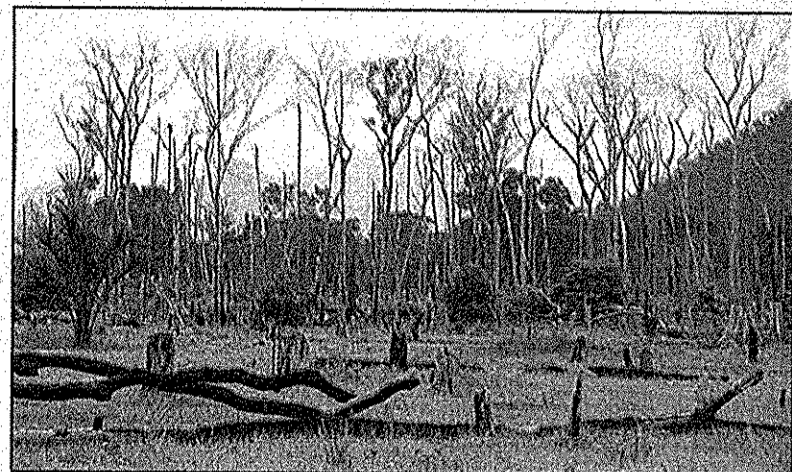
Apesar das campanhas do gover-

no, alguns moradores do Apiáú ainda continuam realizando queimadas. Na semana passada, nem a presença de Sarney Filho na vila evitou que agricultores pusessem fogo em quatro áreas. O fogo só não se alastrou para um pasto por causa de um pequeno riacho. “Mas, agora parece que o governo federal está se antecipando”, afirmou o governador Neudo Campos (PPB), referindo-se à demora no combate ao incêndio do ano passado.

Apiáú está totalmente diferente da vila que, em março do ano passado, foi foco de atenção internacional por causa do incêndio. Os agricultores estão preparando a terra

para começar as plantações, mas ainda esperam a autorização do Ibama para começar as queimadas. “Jamais ocorrerá outra situação como a de 1998”, diz o agricultor Bruno Éloy, que comanda uma das brigadas. Ele perdeu parte de sua produção agrícola e teve seu lote quase totalmente destruído pelo fogo.

Em outras áreas próximas à vila, o verde tomou conta da paisagem que no ano passado estava queimada. Muitas vezes isso é aparente. “No meio da mata tem muita árvore caída e morta, um verdadeiro barril de pólvora”, diz Adriana Moreira. “A mortalidade é muito grande”, ressalta a bióloga do Ipam.



Paisagem de Apiáú, foco da atenção internacional em 98: fim das chuvas



A bióloga Adriana Moreira mostra as árvores secas, que contrastam com a vegetação verde rasteira, no período que antecede o fim das chuvas